



## **ALGUMAS ALTERNATIVAS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR: APRESENTANDO O JORNAL MURAL**

Daniela Fantoni de Lima Alexandrino; Cíntia Lúcia de Lima; Josiele Luzia Moreira; Gabriela de Paula Rosa; Vanessa do Carmo Almeida

*Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) [barbacena@uemg.br](mailto:barbacena@uemg.br)*

### **Resumo:**

Ao pensarmos sobre uma formação docente mais contextualizada e mais completa, precisamos, acima de tudo, possibilitar aos licenciandos de Pedagogia uma maior aproximação com a escola, lócus de trabalho do pedagogo, formando, assim, professores capazes de lidarem com a imensidão de diversidades que o cenário escolar tem apresentado atualmente, ou seja, professores em condições de fazerem da Educação para Todos e da Educação Inclusiva uma realidade possível. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo contribuir com o processo de inclusão escolar em uma instituição de ensino regular do município de Barbacena-MG, utilizando a educomunicação através da implementação do jornal mural, uma vez que os jornais murais são recursos que oferecem a possibilidade para uma (re)leitura do contexto escolar, trazendo reflexões sobre a atualidade e proporcionando a diversificação de conteúdos, além de atuar com a interdisciplinaridade, linguagem acessível e caráter documental dos fatos registrados. Vale ressaltar que atuamos junto às bolsistas do PIBID para atingir os objetivos propostos. Para tanto, em um primeiro momento, para nos inserirmos na realidade escolar, atuamos com jogos pedagógicos. Em um segundo momento criamos o mural a fim de divulgar informações sobre o trabalho realizado com as crianças atendidas pelo PIBID e, por fim, implementamos o jornal mural, onde as próprias crianças atendidas eram as responsáveis. Concluímos que além da visibilidade que as crianças atendidas pelo PIBID ganharam no ambiente escolar, houve também uma mudança significativa no olhar para a diferença em toda a escola, proporcionando não só a interação social e uma aprendizagem mais efetiva (uma vez que aprender demanda vontade), como o resgate das crianças atendidas como sujeitos ativos no contexto em que se encontram.

Palavras chave: Inclusão Escolar, Educomunicação, Jornal Mural, PIBID.

## Introdução

Ao refletirmos sobre uma formação docente mais contextualizada e mais completa, precisamos, acima de tudo, propiciar aos licenciandos de Pedagogia uma maior aproximação com a escola, lócus de trabalho do pedagogo, formando, assim, professores capazes de lidarem com a imensidão de diversidades que o cenário escolar tem apresentado atualmente, ou seja, professores em condições de fazerem da Educação para Todos e da Educação Inclusiva uma realidade possível.

E, para alcançarmos este ideal (Educação para Todos) é preciso que debatamos e façamos reflexões acerca do tema da inclusão e, por isso, este assunto nunca esteve tão presente no dia-a-dia da sociedade como vem acontecendo ultimamente e é justamente esse um dos atuais paradigmas que vem alterando nosso contexto social (FERREIRA e GUIMARÃES, 2006).

É sabido que, desde 1998, a educação inclusiva tem-se constituído tema de programas de Graduação e Pós-Graduação nas Universidades, em eventos científicos, na política educacional, nas reivindicações e movimentos a favor da pessoa com deficiência, em publicações e notícias nos meios de comunicação (Ibidem), por isso, a premência de medidas referentes às condições necessárias para inclusão de alunos com deficiências, no ensino regular, – da educação infantil até o ensino superior – tem desencadeado não só pesquisas sobre a inclusão, como ações, para de fato, estabelecê-la.

Inserido em uma realidade sócio-política-econômica não diferente da encontrada em grandes metrópoles, em relação à deficiência, o Instituto Superior de Educação Dona Itália Franco – UEMG está localizado em Barbacena, cidade da Zona da Mata Mineira de Minas Gerais (IBGE, 2013). O diagnóstico feito sobre a inclusão neste município, por meio de uma pesquisa fomentada pela FAPEMIG, apontou resultados alarmantes. A cidade possui, hoje, 36 escolas públicas. Entre estas escolas, 2 são federais, 19 são estaduais e 15 são municipais. Das escolas federais (2), nenhuma atende crianças com deficiência. Das 19 escolas estaduais, apenas 6 atendem crianças com deficiência regularmente matriculadas. As deficiências encontradas foram: física (09), auditiva (19), intelectual (19), visual (3), paralisia cerebral (01), múltipla (08) e transtorno global do desenvolvimento (01), totalizando 58 crianças. Nas escolas municipais (15), encontraram-se crianças com deficiência regularmente matriculadas em 07 delas, sendo que as deficiências encontradas foram: física (5), auditiva (10), intelectual (60), múltipla (2), visual (3), transtorno global de desenvolvimento (7) e síndrome de willians (1), totalizando 88 crianças.



Levando em consideração o número de alunos matriculados (em torno de 9487 crianças) nas 13 escolas pesquisadas, temos 1,54% (146 no total) de alunos com deficiência, frequentando regularmente estas instituições, configurando um número desprezível de crianças diante do universo total.

Com estes dados, fica claro que o processo de inclusão das crianças com deficiência, em Barbacena-MG, ainda não está presente no ambiente educacional, já que pensar em inclusão é pensar que todas as crianças sejam beneficiadas em todo sistema de educação por motivos “morais, lógicos, científicos, políticos econômicos e legais” (MENDES, 2006, p.388).

Diante dessa situação, partimos do pressuposto de que o trabalho com a educomunicação pode contribuir para minimizar esse problema que tem tomado proporções cada vez maiores na nossa sociedade. Nosso objetivo, destarte, é utilizar o jornal mural como um instrumento de inclusão, entendendo que a interface Inclusão Escolar e Comunicação é uma excelente estratégia pedagógica para tal. Afinal, os jornais murais são recursos que oferecem a possibilidade para uma (re)leitura do contexto escolar, trazendo reflexões sobre a atualidade e proporcionando a diversificação de conteúdos, além de atuar com a interdisciplinaridade, linguagem acessível e caráter documental dos fatos registrados (DINIZ, 2004).

Ao trabalharmos com a educomunicação, mais especificamente com os jornais murais, permitimos que a espontaneidade se apresente, e conseqüentemente, a expressividade e a criatividade. Esses momentos precisam ser mais experienciados na escola, pois eles servem de suporte e auxílio para estruturarmos o diagrama de nossa identidade. A partir desta vivência, é possível, ao indivíduo, refletir sobre sua participação social, construindo uma identidade de pertencimento ao grupo, já que não é mais invisível.

Para a Educação Inclusiva, portanto, trabalhar com a educomunicação é levar em consideração a criança com deficiência como um sujeito participante do processo de aprendizagem, mais que isso, é questionar, refletir e (re)estruturar sobre as práticas pedagógicas e suas funções perante a deficiência e, por isso, é construir uma nova realidade.

## **Metodologia**

O presente projeto é parte do Programa de Apoio à Extensão (PAEX) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) (do qual a Prof<sup>ª</sup> Daniela Fantoni de Lima Alexandrino é coordenadora de área) da Universidade



do Estado de Minas Gerais, uma vez que atuou junto às bolsistas do referido programa e também parte do Núcleo de Pesquisas sobre o Corpo – NUPESC.

Dessa forma, realizamos este projeto de acordo com as seguintes ações:

- Estudo a respeito da inclusão escolar e da educomunicação à luz da literatura;
- Visita à escola participante e divulgação da pesquisa a ser realizada;
- Implementação do Jornal Mural.

### **Descrição dos Resultados e Discussões**

Inicialmente, nos reunimos para decidir como o projeto funcionaria na escola, já previamente selecionada pela coordenadora. Posteriormente, fomos para a instituição escolar observar a sua realidade, conversar com as pessoas que ali atuam e estudam, bem como elaborar estratégias de implementação do projeto.

Assim, ao chegarmos à escola percebemos que a documentação das crianças atendidas pelo atendimento educacional especializado (AEE) não estava atualizada e, nossa primeira ação foi elaborar os perfis detalhados das crianças com deficiência, com dificuldades de aprendizagem e com transtornos de comportamento, para que posteriormente pudéssemos selecionar os alunos que necessitavam de atendimento especializado e que participariam, em um primeiro momento, do PIBID (programa integrado ao nosso projeto). Dessa forma, elegemos crianças com TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), com dificuldades de aprendizagem, deficiência intelectual, deficiência visual e paralisia cerebral quadriplágica.

Iniciamos as intervenções, portanto, com a aplicação de jogos pedagógicos para estimular o desenvolvimento dos alunos, permitindo, dessa forma, uma maior aproximação de nossos bolsistas com as crianças a serem atendidas. Essa interação inicial nos surpreendeu bastante e proporcionou uma integração acima do esperado.

Percebemos, ao desenvolver o projeto, que a participação de nossos alunos no cotidiano escolar é de extrema importância, não só para a escola (pois tivemos inúmeros relatos de pais, dos próprios alunos atendidos, da direção e supervisão das melhorias que o programa vem proporcionando), como para a formação deles.

Em um segundo momento, já conhecendo profundamente as crianças, criamos um mural para fixarmos informações sobre as atividades realizadas com esses alunos, mantendo toda escola informada do trabalho que era feito. A figura 1, a seguir, é um exemplo de uso do mural.



Figura 1: Mural

Posteriormente, quando toda escola já havia se habituado ao mural, implementamos o jornal mural, onde as crianças atendidas pelo PIBID escolhiam a temática a ser postada e também elaboravam as notícias em conjunto com os bolsistas. As figuras de 2 a 9 exemplificam os jornais murais.



Figura 2: Jornal mural 1



Figura 3: Detalhes do jornal mural 1

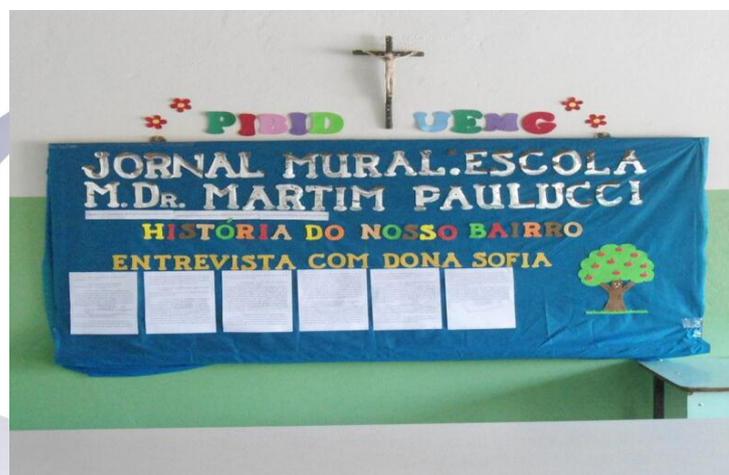


Figura 4: Jornal mural 2

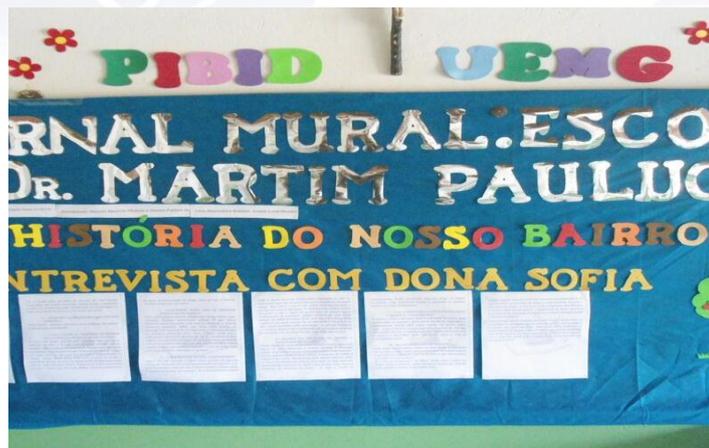


Figura 5: Detalhes do jornal mural 2



Figura 06: Jornal mural 3



Figura 07: Detalhes do jornal mural 3



Figura 08: Jornal mural 4



Figura 09: Detalhes do jornal mural 4

Foram feitas reportagens sobre a pessoa que dá nome à escola (Dr. Martim Paulucci); sobre uma senhora muito conhecida na comunidade em que a escola se encontra para sabermos a história do bairro; sobre a importância dos jogos para a aprendizagem da matemática; e sobre a história do Papai Noel. Vale ressaltar que os temas foram escolhidos pelos próprios alunos atendidos pelo PIBID, que também auxiliaram em sua confecção.

Assim, a partir desses resultados, é possível fazer algumas inferências: pudemos perceber, com a implementação do jornal mural, que as crianças atendidas pelo PIBID ganharam visibilidade na escola e, por conseguinte, tiveram mais estímulos para aprender. Os colegas que muitas vezes nem conversam com elas, agora vinham perguntar sobre o jornal mural, querendo saber, por exemplo, qual seria o próximo assunto a ser abordado. Além disso, sempre que abordávamos sobre jogos para aquisição de conhecimento, propúnhamos que todas as crianças experimentassem tais atividades, fazendo com que os alunos atendidos pelo PIBID se integrassem com todos ao também participar das atividades propostas por eles próprios. Vale ressaltar que as atividades que eram postadas no jornal mural, quase sempre, eram atividades que as crianças atendidas pelo PIBID realizavam com as bolsistas, dessa forma, ao propor que todo o corpo discente também fizesse, demos a oportunidade não só de vivência, mas de compreensão do trabalho que era realizado pelas bolsistas.

Portanto, observamos que a inclusão também se faz através de ideias e ações inovadoras. É preciso urgentemente que saíamos do tradicional.

Pereira (1999) vem nos mostrar que esse é um modelo alternativo para a formação docente que vem dando certo, uma vez que os licenciandos se tornam mais envolvidos com a realidade, esse é o modelo da racionalidade prática. A concepção desse modelo é ver o professor se tornar um sujeito reflexivo, humano e podendo



ter uma prática profissionalmente autônoma. Para esse modelo, o conhecimento científico não é mais visto como imutável, o importante é rever os conceitos, questioná-los, recriá-los, ou seja, uma aprendizagem constante, por meio do ato de refletir sobre os conhecimentos.

Enfim, nesses meses que atuamos na escola, é difícil mensurar os resultados que tivemos, contudo podemos afirmar que houve uma mudança significativa no olhar para a diferença. Ao mostrarmos que todas as pessoas possuem potencialidades, inclusive de montar um jornal mural, pudemos fazer visível aqueles que de alguma maneira não eram “vistos” no ambiente escolar, ou seja, eram deixados de lado, esquecidos. Essa visibilidade proporcionou não só a interação social e uma aprendizagem mais efetiva (uma vez que aprender demanda vontade), como o resgate das crianças atendidas como sujeitos ativos no contexto em que se encontram.

### **Algumas Conclusões**

Ao realizar este projeto compreendemos que a inclusão, a diversidade, as diferenças humanas existem em “todos” e está em “todo” lugar. Basta que nos sensibilizemos para vê-las, inclusive, em nós mesmos. Olhar para a diversidade significa compreender um pouco do mundo e um pouco de nós e, assim, buscar exercer o que chamamos de construção da cidadania.

E ao nos sensibilizarmos diante do diferente, poderemos aceitar o fato de que as diferenças não são invisíveis e que é preciso que assumamos a estranheza e vulnerabilidade que somos, para que nos desinstalemos e possamos receber o outro. A ideia da hospitalidade parece servir bem a esse propósito, pois permite a acolhida ao outro, estrangeiro e desconhecido, preservando-o em suas condições idiossincráticas e tornando possível a (com)vivência (CAVANELLAS, 2000, p. 21).

Este precisa ser o viés da inclusão: o viés da hospitalidade, onde o amoldamento e a imitação dão lugar à participação, ao participar com o outro, reconhecendo-o e confirmando-o em sua singularidade (CAVANELLAS, 2000, p. 22).

Como vimos, é possível romper com a lógica do individualismo e com a lógica da exclusão social e partir para a lógica da solidariedade.

É justamente na lógica da solidariedade, da sensibilidade e da visibilidade do estranho que este projeto buscou tocar, tentando despertar a noção de que as diversidades – de aprendizagem, de linguagem, de locomoção, de sexualidade, de gênero, de corpo, de idade, de classe social, entre outras – são inerentes aos seres humanos,



mais que isso, são a possibilidade de “estender a nossa compreensão acerca da intensidade e imensidade das diferenças humanas” (SKLIAR, 2006, p. 26).

Por fim, atuar com o jornal mural como um instrumento de promoção da inclusão escolar nos fez perceber a inclusão é algo realizável e que só precisamos pensar na sociedade como um pensamento mutável e, por isso, pensar que há esperança de mudarmos o olhar social preconceituoso para um olhar social amável, democrático e sensível perante as nossas próprias dificuldades e perante as dificuldades alheias. Dessa forma, que idealizemos e façamos uma Escola que priorize o aluno, que inspire a troca de experiências e vivências, que confronte formas (des)iguais de comportamentos e de pensamentos, que busque metodologias interativas e estimulantes, que faça do (re)conhecimento da diversidade uma estratégia para a aprendizagem e que conceba a criança por inteiro, respeitando a dignidade de todo e qualquer indivíduo.

#### **Referências**

- FERREIRA, M. E. C.; GUIMARÃES, M. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- CAVANELLAS, L. B. Educação inclusiva: desafios, limites e perspectivas. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 18-23, 2000.
- DINIZ, J. P. O jornal impresso na formação de consciência crítica. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.13, n.21, p.129-141, jan./jun., 2004.
- MENDES, E. G. A Radicalização do debate sobre a inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.33, set./dez., p.387-405, 2006.
- PEREIRA, J. E. D. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, n. 68, p. 109-125, dez. 1999.
- SKLIAR, C. A inclusão é nossa e a diferença que é do outro. In: RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre educação inclusiva**. São Paulo: Summus Editorial, 2006. p. 15-34.

